

Clínica do Vazio e Mal-Estar Contemporâneo: um Entendimento a Partir do Conceito de Narcisismo

Luiz Ronaldo Freitas de Oliveira¹
Gilvana Maria L. S. Cassassola²

Resumo

O presente estudo trata da clínica do vazio como resultado do mal-estar contemporâneo. Tem como objetivo, entender o vazio existencial a partir da constituição psíquica do sujeito, referenciando o conceito de narcisismo, em uma sociedade que busca a felicidade a qualquer preço. Os distúrbios narcísicos produzem sofrimento manifestado em sintomas como a dificuldade de identificação, desequilíbrio emocional, pensamento extremista, relações caóticas e visão egóica. A partir do conceito de narcisismo entende-se a clínica do vazio e o mal-estar contemporâneo, fazendo uma análise dos principais personagens do filme *O diabo veste Prada*, que ilustra a temática fundamentada pela revisão da literatura. O estudo justifica-se a partir da transformação da demanda clínica que revela sujeitos com novos contornos nos seus processos subjetivos, demonstrando insatisfação, ambiguidade nas relações interpessoais e sentimento de futilidade. Os resultados, a partir da análise realizada neste ensaio, apontam para o contexto social que direciona o comportamento humano à perfeição narcísica, para a impossibilidade de fracassar e pela busca incessante da superação a todo custo.

Palavras-chave: Clínica do vazio. Mal-estar contemporâneo. Narcisismo. Identificações.

Clinical and Ill Be Empty Contemporary: An Understanding from Concept of Narcissism

Abstract

The work deals with the emptiness of the clinical as a result of contemporary malaise. Aims to describe the constitution of the psychic dynamics of the subject, from the concept of narcissism in a society that seeks prosperity at any price, but that has narcissistic disorders, suffering from symptoms of loss of identity that leads to an inner emptiness. Justified from the transformation of the subject reveals that clinical demand with a new twist on their subjective processes, showing an inner emptiness, feelings of futility in their lives, faced with a society that has the penchant for narcissistic perfection, as well as to change values in relation to tolerance and permissiveness.

Key-words: Clinical empty. Contemporary malaise. Narcissism. Loss of identity.

O objetivo desse estudo consiste em descrever a clínica do vazio e o mal-estar contemporâneo a partir da análise do comportamento dos principais personagens do filme *O Diabo veste Prada*. Considerando a constituição psíquica do sujeito teorizado por Freud e seus seguidores.

Percebe-se que as pessoas buscam a felicidade a qualquer preço, sofrendo com a perda de valores humanos e apresentando dificuldades de identificações saudáveis em vista do equilíbrio

emocional. Tal comportamento produz *um mal-estar contemporâneo* explicitado no vazio e na falta de sentido à vida, partilhado pelos pacientes no Serviço Integrado de Atendimento em Psicologia (SINAPSI) da Faculdade Meridional/IMED. A partir dessa percepção passou-se a estudar o conceito de narcisismo com o intuito de entender a demanda voltada à *clínica do vazio*.

1 Psicólogo, Professor e Coordenador do Curso de Psicologia da Faculdade Meridional IMED, Passo Fundo – RS. E-mail: ronaldo@imed.edu.br

2 Psicóloga e aluna egresso do Curso de Psicologia da Faculdade Meridional - IMED, Passo Fundo – RS. E-mail: gilvanalorca@hotmail.com

O estudo estrutura-se inicialmente, por uma breve revisão bibliográfica que trata do conceito de *clínica do vazio*, a partir da constatação do vazio que se manifesta no comportamento dos personagens de filme em análise e pela constatação das mudanças sociais e culturais que se evidenciam no cotidiano das pessoas que procuram o SINAPSI. O texto refere também, o mal-estar que atualmente se instala no cotidiano da sociedade frente às mudanças rápidas do mundo pós-moderno que direciona para as relações virtuais, *líquidas* e volúveis. A reflexão se amplia abordando o narcisismo e suas concepções, no decorrer do tempo, a partir das mudanças nos costumes e na cultura, considerando a necessária aproximação entre teoria e prática que se evidencia na revisão da literatura e na análise do filme *O diabo veste Prada*.

A literatura aponta aspectos referentes aos laços afetivos, que quando ausentes nos primórdios da constituição do sujeito psíquico, resulta em sofrimento intenso, gerando insegura e ausência de valorização. Tais aspectos decorrem de um sentimento de incompletude, que faz com que o sujeito acate o discurso de uma sociedade marcada pelos ideais narcísicos que promete preencher o vazio sem o necessário confronto com o real sentido da vida.

Portanto, as transformações atuais revelam sujeitos que demonstram sentimentos de futilidade diante de uma sociedade que tem o olhar voltado para a perfeição narcísica, bem como para mudanças de valores que são percebidas no comportamento intolerante e permissivo. Na tentativa de entender tal problemática vamos estudar a clínica do vazio e o mal-estar contemporâneo, verificando a constituição psíquica do sujeito, a partir do conceito de narcisismo.

Clínica do vazio

A neurose, a ansiedade e os conflitos internos não são mais vistos como em outros tempos. Percebem-se os quadros depressivos e de personalidade, como o *borderline*, aumentando rapidamente e visivelmente, exigindo um olhar conceitual para modelo clínico que regula a prática profissional do psicólogo. A depressão, segundo Monti (2008), consiste no fato das pessoas não suportarem emoções rotineiras e, conseqüentemente, sentem-se vazias, profundamente frustradas e insatisfeitas. O que parece estranho é uma relativa falta de ansiedade e de sentimento de culpa, apesar da gravidade da síndrome, esse fato, unido à ausência de sentimentos dá uma impressão de irrealidade e ambivalência (Garcia-Roza, 2008).

As novas manifestações de depressão não condizem mais com a tradicional soma de culpa, inibição, desaceleração e persecutoriedade interior. O que se percebe são formas depressivas que se agregam em torno de dois suportes fundamentais de experiências. A primeira constelação constituída por disforia, raiva, solidão e vazio que afunda as raízes em uma disposição de personalidade da área *borderline*. Uma segunda constelação, organizada em torno das experiências de vazio, insuficiência, desilusão e vergonha que se inscreve no âmbito da personalidade narcísica (Monti, 2008).

A falta de culpa confirma a percepção, a partir da constatação de que um número cada vez maior de pacientes não expõe os problemas que possam associar-se a um conflito, mas apresenta um lamento relacionado a uma sensação de vazio, de ausência de significado e da dificuldade para definir a si próprio, de gostar de

si mesmo e um sentimento de inveja em relação às outras pessoas. Esta constatação, na prática psicanalítica, evidencia-se na percepção de que, a sociedade tem produzido e demonstrado sentimentos que configuram o vazio na vida das pessoas. Para Buber (2008), há um universo problemático que vem sendo sinalizado e se tornando um ambiente fertilíssimo para a prática clínica. É um mundo desesperado que estouram nos ouvidos das pessoas como ecos de socorro.

Na contemporaneidade, a clínica do vazio pode ser definida, pelos estados limites que trazem configurações narcísicas em primeiro plano. O desinvestimento forte do sujeito no *eu* capaz de lidar com a dor, medo e frustração e um investimento no *eu* incapaz de enfrentar o *outro*, dando sentido às relações que visam a uma redução ao nível zero de tensão e intolerância (Green, 2001).

Os indivíduos sentem-se fora de si mesmos, perdidos numa identidade formada pela exigência e não pela sua construção natural, espontânea e desejada. Conforme Buber (2008) os *auteregoicos*, indivíduos que assumiram a identidade do outro, são impulsionados pela exigência da modernidade e vivem as representações como se fosse a sua própria realidade, e às vezes já o é.

Para Lipovetsky (2005), a sociedade contemporânea sofre um processo de personalização, que implica uma nova forma de organização social, em que preponderam, cada vez mais, desejos e escolhas privadas. Isso se deve ao consumismo desenfreado e constante na cultura e nota-se uma ausência de ideologia, ídolo ou processo histórico, em razão de uma sociedade *personalizada*, que demonstra ser fugaz e efêmera na sua forma de ser e de agir.

Lasch (1983) e Birman (1999) argumentam mostrando que a contemporaneidade não dá mais importância à produção e revolução, mas sim para a informação e expressão. Essa característica choca-se com o individualismo, resultando atitudes que expressam a incapacidade de ouvir. Quanto mais o indivíduo se expressa, menos há o que dizer; quanto mais a subjetividade é solicitada, mais o efeito é anônimo e vazio, produzindo, conseqüentemente, desordens narcísicas que culminam com sentimentos de vazio e distúrbios da autoestima.

Neste contexto, Zimerman (1999) comenta que os indivíduos entram em um permanente estado de ilusão, em busca de uma completude imaginária, onde o sofrimento decorre do reconhecimento da incompletude que obriga a criar e a manter uma estrutura ilusória de onipotência. Em virtude dos casos do mundo da realidade, o indivíduo passa a maior parte de sua vida buscando algo ou alguém que confirme sua estrutura ilusória, garantindo a preservação da autoestima e do sentimento de identidade, que são ameaçadas na posição narcísica. Em um nível mais primitivo e regressivo pode estar procurando sua unidade corporal perdida, que ficou alienada em outro. Já Berlinck (2011), descreve a revelação de uma negação das diferenças, cujo sujeito se utiliza da negação como recurso defensivo, devido à necessidade de negar em todos os aspectos da realidade que afronta a sua imaginária completude narcísica. Assim, a falsa posição narcísica garante ao sujeito um estado de perfeição e de completude, o qual a sua realidade interior não pode manter. Recorrendo ao uso da negação como forma de sentir-se valorizado, sendo que se relaciona diretamente com a sua autoestima.

Para Lipovetsky (2005) a partir desse entendimento o sujeito permanece no plano imaginário e, por isso, espera o máximo de si, buscando constantemente uma satisfação narcísica de completude e de valorização através dos modelos de ideais sustentados pela sociedade. Sem uma concretude política, ideológica ou sociológica para se agarrar. Porém, o que realmente tem e sente é um grande vazio que se estende às clínicas e caracteriza o sentimento dos pacientes.

Como expõem Lazzarini & Viana (2010), o indivíduo mergulha no vazio, na ausência de sentido da existência, pois se encontra depauperado subjetivamente, restando-lhe apenas a defesa narcísica de investir libido em si mesmo, resguardando-se do meio externo hostil. Buber (2008) complementa afirmando que é nesse contexto que se localiza a clínica do vazio, como espaço cheio do nada, um nada que se traduz por impressões melancólicas, depressivas e lutescas. Traduzidos nestes termos apenas tecnicamente, mas essencialmente para o que experimenta o vazio, o melhor conceito seria: *o nada, o vazio mesmo*.

O mal-estar contemporâneo

O mal-estar é um conceito apresentado por Freud em 1929, e que atualmente se manifesta na contemporaneidade, por meio de sentimentos oriundos do momento em que vive a sociedade. O cenário atual, segundo Birman (1999), apresenta indivíduos que expressam um vazio interior e existencial, frente a um *mundo perturbado e conturbado* e, neste contexto, a psicanálise sofre de *certa insuficiência* nos seus instrumentos interpretativos, no que se refere às novas modalidades de inscrição das subjetividades.

Como consequência o sujeito passa a investir libido em seu próprio ego, ocorrendo um desinvestimento no outro e para o outro. Freud (1929) revela que nesse tipo de investimento, o ego do sujeito se comporta como objeto de seu próprio amor, sendo que esse amor se caracteriza pela idealização de si ou a superestima de si, a vivência prazerosa de sentir-se especial, perfeito, sem defeitos. A procura da vida feliz é reduzida à de bem-estar, de satisfação prazerosa e de plenitude, supostamente asseguradas pela identificação, por meio do consumo, com imagens de perfeição, beleza, sucesso, juventude, saúde, entre outros, caracterizam a sociedade contemporânea. Pode-se comparar à procura narcísica de retorno à vida intrauterina, ou à relação simbiótica com a mãe, num período em que o outro e o mundo não existiam para o indivíduo como separados dele.

Winnicott (1983) denominaria de falso self, o resultado de um cuidado materno satisfatório resultando no progresso normal do desenvolvimento do sujeito, fortalecendo seu fraco ego, possibilitando a aquisição de um sentimento de autoestima e identidade própria. Tais sentimentos possibilitam o enfrentamento da realidade que se evidencia na afirmação de Berlinck (2011): a sociedade modifica-se e se transforma trazendo mudanças que dizem respeito também a maneiras de ver e sentir o mundo, com seus conflitos, distúrbios e perda de identidade.

Para Freud (1914), a vida do indivíduo adquire sentido quando esse reconhece a si mesmo pelo olhar do outro. E esse quando não existe, corresponde a uma angústia primitiva diante da própria incompletude que faz o sujeito confundir sua real necessidade com as aspirações do ego ideal, passando a buscar constantemente os modelos de ideais fornecidos pela sociedade, como forma de sobrevivência psíquica. Na cultura atual, esses ideais propiciam o investimento libidinal do sujeito em si mesmo,

garantindo que suas necessidades, mesmo que ilusórias, sejam satisfeitas (Laplanche e Pontalis, 2001).

O retorno à fase narcísica ocorre diante do desamparo, diante de situações nas quais, o indivíduo se depara com a necessidade de proteção que o leva a recorrer a mecanismos que o defendam de possíveis aniquilações, como rejeição ao perigo que o ameaça. Regride ao estágio em que a criança se sente onipotente, ela se basta. Tais manifestações podem ser compreendidas como resultado da tentativa de os indivíduos se incluírem na sociedade por meio da cultura. Portanto, o adoecimento reflete-se no caráter social (Freud, 1929).

Garcia-Roza (2008) revela que neurose, ansiedade e conflitos não são mais perceptíveis como antes. Atualmente as pessoas apresentam sintomas de depressão que consiste no fato de manifestarem-se frustradas e insatisfeitas. Os pacientes trazem cada vez mais uma vaga sensação de vazio, de ausência de significado, dificuldade para definir-se, gostar de si mesmo e um sentimento de inveja em relação às outras pessoas, que se presume desfrutar disso tudo. A sensação de vazio conduz a um mal estar que se dimensiona e se configura em um sentimento de desamparo.

Freud (1929) afirma que da mesma forma que a cultura se origina do sentimento de desamparo, revela a fonte dos maiores desconfortos para o sujeito, sendo privadora, obrigando-o a moldar-se, padronizar-se e enquadrar-se. Diante do paradoxo, o indivíduo tem na cultura suas limitações e nela recosta a frustração de ter sido privado, gerando o mal-estar atual. Conforme Bauman (2004), tal sentimento deriva de uma busca pelo prazer desinibido que é impossível conciliá-lo com aquele mínimo de segurança que o sujeito tenderia a exigir.

A busca da felicidade e a dificuldade do seu alcance se impõem no mal estar na civilização. Freud (1917) descreve a vida, tal como se encontra. É árdua demais e proporciona muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não pode dispensar as medidas paliativas e compensatórias. Tem-se assim, a produção do mal-estar, com suas nuances e sutilezas que perpassa a vida no cotidiano das pessoas.

O conceito de *mal-estar* tem sua origem em Freud (1929), ao reconhecer o homem ocupando um lugar de eterna incompatibilidade entre as suas necessidades diante das exigências sociais e culturais. Hoje, tal conceito demonstra que não é diferente, uma vez que a sociedade está exposta a condições específicas, que a coloca frente ao mesmo sentimento de *mal-estar* ao anterior formulado por Freud. Atualmente, esse conceito se molda sob circunstâncias específicas que caracterizam o tempo atual (Bauman, 2004).

Esse tempo demonstra momentos efêmeros e imprecisos, devido à velocidade dos acontecimentos e da multiplicidade de possibilidades que se oferecem às pessoas. A atualidade caracteriza-se pela sensação de liberdade individual, que foi almejada durante muito tempo. A liberdade mostra-se carente de referenciais sólidos, tornando cada vez mais difícil vislumbrar um ponto norteador, que seja indicativo a sentimentos de certezas às pessoas em suas escolhas. É nesse contexto que a pós-modernidade oferece aos indivíduos liberdade aparente e que traduz um sentimento de insegurança, com consequências que configuram mal-estar pós-moderno. Caracterizam-se pela liberdade fluida e não pela opressão e repressão. Se

anteriormente as tradições e tabus tornavam as pessoas reprimidas, sem possibilidades de enfrentamento, hoje a tão sonhada liberdade desfruta da possibilidade a qualquer custo. A liberdade individual em busca da felicidade e vida prazerosa firma-se ao preço de um sentimento muito grande de insegurança, nada é garantido, definitivo e sólido. Dessa forma o mal estar, as aflições e as angústias que se incluem no mundo pós-moderno, devem-se ao tipo de sociedade que proporciona cada vez mais liberdade individual impõe seu preço (Bauman, 2004).

Demonstra Richardson (1999) que as individualidades em busca do reconhecimento da sociedade forjada por meio dos trâmites espetaculares são pré-condição para o sentimento de mal-estar no cotidiano das pessoas, quer por meio do torpor psíquico produzido pelas drogas, quer pelo viés do próprio adoecimento subjetivo. No cenário onde o reconhecimento só se faz por meio da estetização da imagem e da aparência, as pessoas são levadas a demonstrar estilos de existência cada vez mais individualistas.

Narcisismo

Ao conceituar narcisismo precisa-se voltar ao personagem da mitologia grega, Narciso. Relatam Franchini & Seganfredo (2007) que Narciso, ao rejeitar o amor de uma ninfa, de nome Eco, apaixona-se por seu próprio reflexo em uma lagoa, descobrindo, a dor de um amor não correspondido. Passa por um longo tempo admirando e querendo tocar em seu reflexo. Quando este desaparece à beira da lagoa, surge em seu lugar, uma flor roxa de folhas brancas e de beleza rara.

Simonini (2004), afirma que a mitologia vai além da interpretação psicológica e alcança a expressão cultural que possibilita uma nova visão do comportamento humano. A história de Narciso começou com a mãe de Narciso que se apaixonou pelo rio. Narciso é fruto de um ser da água. E quando vê seu reflexo no rio não percebe tratar-se de sua imagem. Imagina que está diante do outro e sofre por não ser correspondido. O narcisista é aquele que não se conhece, e esse é seu sofrimento básico, não conseguir amar o outro é consequência. Para Garcia-Roza (2008), o termo *narcisismo* foi empregado por Freud, pela primeira vez em 1909. Em 1914 Freud publicou *Introdução ao narcisismo*, onde ressalta que nesse período do desenvolvimento, a partir dos componentes *autoeróticos* da parcialidade da pulsão, a gênese do ego submete-se ao que é da ordem da pulsão sexual, mais precisamente, de um investimento da libido. A definição de narcisismo torna problemática a primeira divisão das pulsões que fornece a base para o conflito psíquico, pois torna convergente a pulsão sexual e a pulsão de *autoconservação*. O narcisismo não se mostra como uma perversão, mas como complemento libidinal do egoísmo do instinto de autopreservação, que de certa maneira pode justificadamente ser atribuída a toda criatura viva.

O narcisismo configura um modo particular de relação com a sexualidade, sendo um conceito crucial no seu desenvolvimento teórico. Como protetor do psiquismo e um integrador da imagem corporal que investe no corpo e lhe dá dimensões, proporções e a possibilidade de uma identidade e de um Eu. O narcisismo extrapola o autoerotismo e conduz à integração de uma figura positiva e diferenciada do outro (Moura, 2009).

Na visão de Lasch (1983), na sociedade contemporânea, o narcisismo encaixa-se como uma defesa contra as tensões e ansiedade que caracterizam a vida moderna. As condições sociais que predominam, tendem a fazer os traços narcisistas presentes

em vários graus nos indivíduos. Essas condições também transformaram a família que, por sua vez, modela a estrutura subjacente da personalidade.

Lipovetsky (2005) comenta que a patologia mental obedece à lei da época, em que a crispação neurótica foi substituída pela flutuação narcísica. Esse tipo de flutuação narcísica, segundo relatam Lazzarini e Viana (2010) na visão de Freud, deve-se aos momentos indefinidos que se interpõem diante das transformações que passa o sujeito. Assim, avulta um movimento regressivo, um movimento narcísico que se volta a si próprio, manifestado no eu deste sujeito como objeto de seu próprio investimento. Há uma idealização de si próprio, calçada em um sentimento pleno de si mesmo.

O tempo-hoje, hipermoderno, instantâneo, fluido caracteriza a *cultura do narcisismo*, que se configura em enorme explosão individualista (Sennett, 2005). Em seguimento, Lipovetsky (2005) refere que o tempo moderno mostra a era do vazio, que se focaliza na desagregação da sociedade e dos costumes. O sujeito contemporâneo frente ao consumo de massa, a emergência de um modelo de socialização e de individualização nunca vistos, rompem com o tradicional dos séculos XVII e XVIII. Está-se diante de uma nova fase na história do individualismo ocidental configurada como segunda revolução individualista. Esse tempo hipermoderno pode ser chamado de *a sedutora leveza do ser*.

Bauman (2004) vê esse período como *tempo instantâneo*, no sentido de exaustão e ausência de interesse. Nada mudou com a passagem da modernidade *hardware* para *software*. Se a *modernidade pesada* vê o capital e o trabalho como se estivesse em uma gaiola de ferro, a *modernidade leve* percebe um dos parceiros saindo dessa gaiola. Se a *modernidade sólida* foi o tempo dos engajamentos mútuos, a *modernidade líquida* demonstra o tempo dos desengajamentos. A pós-modernidade líquida, não deixa lugar para funções de longa duração. O curto prazo assume essa função e faz do *momento presente* sua meta final, tendo-se a transitoriedade substituindo a perenidade. Tudo é mais presente e por isso inquieta e assusta. O que se vê é a imposição do atual, do presente, do fútil, do frívolo, do culto ao desenvolvimento pessoal e do bem-estar-material, marcando uma ideologia individualista hedonista.

No entendimento de Dantas (2005), o sujeito psicológico de Lasch (1983), mostra estar consciente do nada existencial. Tem sua ação marcada pela busca do sucesso, que é a base do cinismo. Se a sensação de aceleração conduz à ansiedade, a certeza do nada conduz ao tédio. O cinismo é uma forma de defesa do sentimento de culpa ou remorso e o tédio é a punição do próprio cinismo em oposição à clássica neurose do superego repressor. Neste contexto, Freud (1929) vê a neurose como mal-estar da civilização, sendo a repressão como sua causa. Atualmente esse mal-estar mostra-se no tédio narcísico e na depressão causado pela aceleração violenta para o nada.

Na visão de Pereira (2006), cultivar o narcisismo caracteriza a celebração da aparência física, o triunfo do espelho e o culto da própria imagem. Por sua vez Kundera (1985), a partir do termo *imagologia*, refere que o poder da imagem social oriundo dos que fazem a moda determinam sua importância no momento presente.

O sujeito ao mesmo tempo que vivencia a descontração nos relacionamentos e nos ambientes, no culto ao natural, na rapidez

das demandas, na mudança dos valores e numa ética mais tolerante e permissiva. São sinais inerentes a essa subjetivação o stress e a depressão e uma inclinação à angústia e ansiedade mais profundas causadas pelo desapego das coisas externas (Moura, 2009). Nessa condição, o sujeito vê ameaçado seu projeto de vida pela impossibilidade de poder vivenciar plenamente suas experiências. Sem ter apego a coisas externas, volta-se, assim, para o seu mundo interior, configurando uma subjetivação que conduz a uma visão mais narcísica de mundo, onde a atual cultura está tão impregnada pela idolatria da individualidade, que perde de vista que o homem é um ser singular, que abriga o coletivo (Safra, 1999).

As pessoas atualmente são interperadas a cultuar cada vez mais a perfeição tanto do corpo como do status referente ao trabalho, estilo e modo de vida. E isso gera angústia e tristeza quando não alcançados, banindo-se os afetos humanos que são compensados por drogas lícitas e ilícitas que emerge como um efeito especular das tendências sócio-culturais à fragmentação e as angústias narcísicas (Amaral, 2000; Lazzarini & Viana, 2010).

A reflexão psicanalítica tem apontado às chamadas *neuroses mistas*, nas quais as manifestações do eu aparecem frequentemente fragmentadas. Trata-se de indivíduos impossibilitados de se individualizarem e se apresentam incapazes de enfrentar uma situação analítica clássica. Sua subjetividade é baseada numa falta de apoio interno necessário a uma vivência plena, característica de uma carência de natureza narcísica oriunda de falhas nas etapas de desenvolvimento mais precoce. Portanto, anterior ao desenvolvimento do complexo edípico e a vivência da castração, no sentido freudiano. Acrescido a isso, esses indivíduos parecem não encontrar na cultura o apoio necessário para conseguir superar suas dificuldades internas (Green, 2001). Os pacientes narcísicos demonstram uma capacidade de fantasiar como forma de preenchimento do vazio. Dessa maneira, percebe-se a clínica do vazio no que se refere aos estados, cuja característica é a presença de configurações narcísicas assinalando para um modelo de sociedade que vem reconhecendo-se numa cultura da culpa e do conflito, em detrimento a cultura do empreendimento e da iniciativa. A angústia da culpa foi substituída pela angústia da inadequação do vazio, do déficit do desempenho e da insuficiência (Monti, 2008).

Martelo (2009) destaca que a angústia pode se manifestar em depressão, com a característica de cansaço de si mesmo. Já Moura (2009) considera esse fenômeno como um tipo de contrapartida negativa da valorização extrema do desempenho e da capacidade de se manter plenamente à altura das próprias expectativas ideais, que o espírito da época tem imposto. Cultua-se o narcisismo como uma prevalência do individualismo sobre o subjetivismo. O que predomina é uma visão materialista na qual os indivíduos são entidades separadas, dominadas pela indiferença e pelo impulso à autorrealização a qualquer preço (Green, 2001).

Segundo Lipovetsky (2005), impõem-se hoje, o narcisismo, o intimismo e o hedonismo, como palavras-chaves dessa idade do vazio. Tendo esse período como de grande desencanto, ou seja, forma inédita de apatia, que se distingue por sensibilização epidérmica e em relação ao mundo conjuga-se com uma profunda indiferença. Essa verdadeira mutação antropológica realiza-se num clima de apatia desenvolvida que se constitui em antídoto em

relação à paranóia presente em toda grande ideologia, ao mesmo tempo implica uma desagregação da identidade.

Nessa condição de perene fluidez, Monti (2008) afirma que as coisas e as pessoas não parecem dotadas de forma própria, mas assume antes, a forma de seu recipiente, toda identidade vacila ou vive sua própria inconsistência. Nessa corrida rumo à pluralização intrapsíquica dos sujeitos, decerto se abre a possibilidade de imaginar inúmeras identidades possíveis, transbordando daqueles vínculos com base nos quais, convencionalmente, atribuem-se os papéis, mas também se corre o risco de uma paralisia da identidade.

Torna-se difícil revelar-se em uma identidade, diante de inúmeras possibilidades que se apresentam em razão das contínuas transformações. Nessa perspectiva, avultam as chamadas identidades esvoaçantes que, por serem passageiras, logo se dissipam (Bauman, 2004).

Conforme comenta Monti (2008), no que tange à relação entre as gerações, citando Freud destaca um pacto narcisista implícito. Se considerar a atitude daqueles pais ternos com seus filhos, tem-se de reconhecer que essa atitude é um novo despertar e uma reprodução do próprio narcisismo, do qual os próprios pais tinham desistido a tempo. Os mesmos pais também tendem a suspender, em favor da criança, todas as aquisições da civilização que seu próprio narcisismo, fora obrigado a respeitar e tornam a reivindicar pela criança privilégios dos quais tinham desistido. Os pais, segundo Freud (1914), conseguem segurança no ponto mais vulnerável do sistema narcísico, no que diz respeito à relação à imortalidade do ego, tornada radicalmente incerta pela realidade, refugiando-se na criança: entregando-lhe um trono para tomar posse.

Essa busca de refúgio na criança pode ser revelada, segundo acepção de Monti (2008), como narcisismo dos pais, que foi deixado de lado, em razão de limitações que surgem com a chegada da vida adulta. Os pais querem para os filhos aquilo que não conseguiram atingir ou que tiveram de desistir. Tudo que limita a felicidade ou o bem-estar dos filhos deve ser alvo de moratória, ou seja, doença, morte, renúncia do prazer, restrições e leis não são para eles. O novo estágio do individualismo, marcado pelo narcisismo, que surge da deserção generalizada de valores e finalidades sociais, envolto pelo processo de personalização. Demonstra, assim, um perfil inédito do sujeito em suas relações consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com o tempo. Se a modernidade se identifica com o espírito empresarial, com a esperança futurista, o narcisismo inaugura, pela sua indiferença, a pós-modernidade. O Narciso é agora, o indivíduo *cool*, flexível, hedonista e libertário, criação de uma nova lógica individualista (anos 80), caracterizada pelo adjetivo hiper: hiperconsumo, hipermercado, hipertexto, hipersociedade, hipermodernidade, hipernarcisismo. Vivencia-se uma nova revolução e uma nova relação na sociedade (Lipovetsky, 2005).

Resumo do filme: *O Diabo Veste Prada*

Na tentativa de aproximar teoria e prática vamos confrontar os conceitos, anteriormente descritos, com algumas cenas do filme *O Diabo Veste Prada*. Foram descritas cenas que sinalizaram a clínica do vazio em relação à manifestação do mal-estar contemporâneo a partir da constituição do aparelho psíquico. O objetivo da pesquisa implica em conhecer e interpretar a realidade, formular questões e estudar, observando o comportamento humano.

O filme *O Diabo Veste Prada*, dirigido por David Frankel (2006), foi escolhido por conter elementos que retratam o comportamento baseado na cultura atual e a importância atribuída pelos sujeitos, que buscam constantemente atingir ideais narcísicos. O filme ilustra que as imagens servem para agregar valores e sentimentos de identidade aos sujeitos que se encontram fragilizados psicologicamente.

O filme apresenta um enredo onde Andrea Sachs (Anne Hathaway) é uma jovem com estilo interiorano e inocente, que conseguiu um emprego na *Runway Magazine*, a mais importante revista de moda de Nova York. Formada na faculdade de jornalismo, ela se muda para a *Big Apple*, com o namorado Nate e sai em busca de um emprego.

Ao entrar na editora da Revista para realizar a entrevista de trabalho, Andy foi recebida por Emily (Emily Blunt), primeira assistente de Miranda Priestly (Meryl Streep), principal executiva da revista, que a olhou e com sarcasmo, afirmando: *o pessoal dos Recursos Humanos tem mesmo senso de humor*.

O cargo oferecido era o de segunda assistente. Mesmo sem nunca ter ouvido falar da Revista ou da famosa editora, ela consegue o emprego. Seu estilo, entretanto, é motivo de piada entre os novos colegas de trabalho. Determinada a seguir em frente com o desafio, Andy muda seu visual. Paralelamente percebe o quanto está deixando de lado as coisas simples da vida. Se esforça para manter seu trabalho e auxiliar Miranda, por isso ocupa seu tempo fora do escritório, realizando tarefas escolares das filhas da chefe. Dessa forma perde o namorado e amigos, que desconhecem a nova Andy. O glamour de Paris a encanta e é neste lugar que ela vê o sofrimento e a vida pessoal de Miranda. Com esses acontecimentos, Andy vai descobrindo o que se esconde por trás do mundo de imagens, fascínio, poder, fama e beleza não tem a ver com sua subjetividade e competência. Percebe que a mídia faz de tudo para sustentar a falsa felicidade.

Resultados e discussão

A partir de recortes do filme, *o Diabo veste Prada*, em confronto com a literatura, serão apontados aspectos relacionados à clínica do vazio e ao mal estar contemporâneo, considerando a constituição psíquica baseado no conceito de narcisismo.

O filme apresenta personagens que em momentos diferentes, do ponto de vista existencial, vivem situações semelhantes em relação ao vazio. Pode-se perceber na fala do personagem Nigel, responsável pelo editorial da Revista, que ao se deparar com Andy, entra e pergunta para Miranda: *Quem é esta coisinha triste?* Essa pergunta de Nigel demonstra que ocorre uma projeção sobre Andy, pois aceitar o fato de que a *coisinha triste* é ele mesmo denuncia a sua incompletude, seu desamparo e sua necessidade de se utilizar dos modelos idealizadores que o trabalho lhe confere. A prepotência esconde o vazio e a dura realidade de dominação que a imagem exerce sobre o sujeito. Segundo Buber (2008), os indivíduos, sentem-se fora de si mesmos, perdidos numa identidade, que forma-se pela exigência e não pela construção natural espontânea e desejada.

A perda de identidade ocorre a partir do momento que se adere aos modelos que a cultura oferece como sendo ideais, abdicando à subjetividade ímpar pela subjetividade coletiva, reforçadora a substituição de valores. Isso se percebe na fala de Andy, quando questiona Miranda: *E se eu não viver como você vive?* Ao que

Miranda responde: *Não seja ridícula, Andréa. Todo mundo quer isso, todos querem ser como nós*. Na visão de Berlinck (2011), a identidade do indivíduo encontra-se em crise, não sabendo quem é, pois só é possível saber quem se é, quando se tem conhecimento do seu mundo e o dos outros. Os indivíduos assumem a identidade de outros, impulsionados pelas cobranças do contexto, vivendo as representações como se fosse a sua realidade, situação que produz a falta de sentido à vida. A fala de Nate namorado de Andy ilustra a perda de identidade diante das funções que está assumindo no novo emprego e diz: *o trabalho lhe obriga a tomar decisões como se não fosse por si mesma. Antes você tirava sarro das garotas da Runway, agora é uma delas. Assuma isso e, então, admitimos que não temos mais nada em comum*. Freud (1929) refere-se ao vazio afirmando que quando a identidade assumida de outrem pode ser compreendida como reações defensivas de um ego, que luta por conciliar as exigências procedentes do id, do superego e do mundo exterior como forma de sobrevivência. Essas reações podem ser percebidas no diálogo entre Miranda e Andy, quando em Paris, na volta para o hotel, Miranda diz a Andy: *veja coisas minhas em você*. Andy discorda justificando *eu nunca conseguiria fazer o que você fez com Nigel, destruindo o sonho dele dando, a sociedade que seria dele para Jaqueline, só para sustentar e manter sua fama, status e poder*. Ao que Miranda replica, afirmando: *you fez a mesma coisa com Emily, quando aceitou tomar seu lugar na viagem para Paris*. Miranda completa: *Escolhas são necessárias se escolher esta vida*. Expõe Buber (2008) que as pessoas têm se sentem fora de si mesmas, perdidas numa identidade deformada pela exigência e não pela sua construção natural, espontânea e desejada. Auteregoicos, indivíduos que assumiram a identidade do outro, são impulsionados pela exigência da modernidade. Vivem as representações como se fosse a sua própria realidade.

O vazio existencial vai ao encontro da perda de referenciais saudáveis. Nesse sentido, Andy quando pensava em ter um tempinho livre, o telefone tocava e no visor aparecia o nome de Miranda, que sempre lhe ligava pedindo algo, às vezes coisas impossíveis, em horários impossíveis, para as quais nunca conseguia dizer não, ficando, por vezes, até brava com o namorado e amigos que brincavam com ela, dizendo: *É a mulher dragão no telefone!* Andy precisava ficar vinte e quatro horas a disposição de Miranda Priestly. Assim perdeu o namorado e amigos, que afirmavam desconhecer a nova Andy. O *glamour* de Paris encanta Andy. Entretanto, é neste lugar que ela vê o sofrimento e a vida pessoal de Miranda explodir quando esta perde o esposo devido a sua vida de fama e *status*.

Na acepção de Lipovetsky (2005), o sujeito permanece no plano imaginário e espera o máximo de si, buscando constantemente uma satisfação narcísica de completude e de valorização através dos modelos de ideais sustentados pela sociedade. Sem uma concretude política, ideológica ou sociológica para se agarrar. O que surge é um grande vazio, que se estende às clínicas e caracteriza o sentimento de mal estar dos pacientes.

A fala de Emily, quando diz que *esta é ela*, quando apresentava Andy, tendo como decorrência os comentários: *Achei que era piada*, demonstra que Andy não era vista como pessoa e sim como objeto do mercado de trabalho. Freud (1917) refere que, da mesma forma que a cultura se origina do sentimento de desamparo, revela-se como um dos maiores desconfortos para o sujeito, sendo privadora, obrigando a pessoa a moldar-se, padronizar-se, enquadrar-se. Diante de um paradoxo, o indivíduo

tem na cultura suas limitações, contudo é nela que recosta sua frustração de ter sido privado. A felicidade e a dificuldade do seu alcance se impõem no mal-estar da civilização. Isso traduz um mal estar que, conforme Bauman (2004) deriva de uma busca desinibida pelo prazer impossível de conciliar com o mínimo de segurança que o indivíduo necessita.

Em um momento de desabafo de Andy com Nigel questiona: [...] *Acha que isso é apenas uma revista? Isso é um facho brilhante de esperança. Você não tem ideia de quantas pessoas passaram por aqui, onde dariam a vida para estar, mas você só se esforça para trabalhar. Acorda!*. Ao referir a Revista como um facho de brilhante de esperança, Nigel estampa sua própria história de desamparo, em que, na carência de um olhar, de uma palavra de valorização, de uma mãe suficientemente boa, ele passou a se defender com o que Winnicot (1983) denomina de falso *self*. O resultado de um cuidado materno satisfatório resulta no progresso normal no desenvolvimento do sujeito, fortalecendo seu fraco ego, possibilitando a aquisição de um sentimento de autoestima e identidade própria. Se isso tivesse ocorrido com Nigel, seu *self* verdadeiro estaria protegido e ele não dependeria dos modelos oferecidos pela *Runway* e nem a consideraria como um facho brilhante de esperança.

Monti (2008) assinala que a sociedade existe e há muito tempo vem reconhecendo-se na cultura da culpa e do conflito, em detrimento a cultura do empreendimento e da iniciativa. A angústia da culpa foi substituída pela angústia da inadequação do vazio, do déficit do desempenho, da insuficiência vexaminosa. Estas percepções conduzem as pessoas a um mergulho no vazio que, segundo Lazzarini e Vianna (2010) consistem na sensação oriunda da ausência do sentido existencial, restando-lhe somente a defesa narcísica diante do mundo hostil com que se depara. Essa percepção manifesta-se em uma sessão fotográfica, sob a direção de Nigel, quando Andy, estressada, comenta com ele que sua vida pessoal estava *por um fio*. Então Nigel diz-lhe: *Junte-se ao clube, pois isso acontece quando se trabalha bem. Só avise quando sua vida pessoal explodir: é hora de ser promovida*.

Berlinck (2011) declara que o sujeito transforma-se numa máscara para a exterioridade, para a exibição fascinante e para a captura do outro, perdendo a densidade e a profundidade, transformando-se numa espécie de superfície plana. Vive como se esse mundo de glamour, fama, ostentação e beleza preenchesse todas as suas lacunas internas. Amaral (2000) postula que o indivíduo mergulha no vazio, na ausência de sentido da existência, pois se encontra depauperado subjetivamente. Birman (1999) complementa essa ideia afirmando que o sentimento de vazio, gerado por uma busca insaciável de ideais culturais, pode acarretar a instalação de novos mecanismos de sobrevivência. As chamadas defesas narcísicas, geradores de *ansiedade, depressão e fadigas crônicas; frieza afetiva, descompromisso emocional e agressão dirigida a tudo e a todos*.

A busca insaciável e idealizadora evidencia-se na fala de Nigel, ao celebrar a possibilidade de sua ida a Paris, em um encontro para a sociedade com um estilista de sucesso: *Meu Deus, sou tão feliz; pela primeira vez, em 18 anos, vou poder tomar conta da minha vida sozinho. Vou poder vir a Paris e ver como ela é de verdade*. De acordo com Green (1988), cultua-se o narcisismo como uma prevalência do individualismo sobre o subjetivismo. O que predomina é uma visão materialista na qual os indivíduos são

entidades separadas, dominadas pela indiferença e pelo impulso à auto realização a qualquer preço.

Os determinantes psíquicos que constituem o eixo principal da vida dos personagens Andy e Miranda, apresentados no filme: *O Diabo Veste Prada*, possibilitam compreender a constituição psíquica a partir dos conceitos fornecidos pela cultura narcísica. De uma forma caricata, a identidade das personagens do filme constitui-se a partir de uma imagem idealizada e sustentada pelos modelos oferecidos na Revista *Runway* e na sociedade em geral, tomando um valor significativo na vida das personagens. Na visão de Lasch (1983), na sociedade contemporânea, o narcisismo encaixa-se como uma defesa contra as tensões e ansiedades, que caracterizam a vida moderna e as condições sociais que predominam, tendem a fazer os traços narcísistas presentes, em vários graus nos indivíduos.

Na fala de Miranda, *Sempre contrato as mesmas garotas, cheias de estilos, magras e que, obviamente, idolatram a revista. Mas elas sempre acabam por me decepcionar e fazer besteiras. Então, com seu ótimo currículo, achei que seria diferente. Disse a mim mesma: vai, tenta, contrata a garota esperta e gorda*. Green (2001) refere-se a cultura do narcisismo como uma prevalência do individualismo sobre o subjetivismo, predominando uma visão materialista na qual os indivíduos são entidades separadas, dominadas pela indiferença e pelo impulso à autorrealização a qualquer preço.

Apesar da chance de trabalhar para Miranda, sonho de muitos, logo Andy percebeu que lidar com aquele chefe não era tão simples, sendo que sua contratação, *caída dos céus*, poderia significar a morte de seu próprio eu. Monti (2008) assinala que as coisas e as pessoas não parecem dotadas de forma própria, mas assumem a forma de seu recipiente, toda identidade vacila ou vive sua própria inconsistência. Nessa corrida, rumo à pluralização intrapsíquica dos sujeitos se abre a possibilidade de imaginar inúmeras identidades possíveis, transbordando daqueles vínculos com base nos quais, convencionalmente, atribuem-se os papéis, mas também se corre o risco de uma paralisia da identidade.

Considerações finais

Estudar a constituição psíquica, a partir do conceito de narcisismo, com o intuito de entender o mal estar contemporâneo, possibilitou perceber que a clínica do vazio consiste na prevalência de valores em torno da busca da felicidade a qualquer preço. Tal comportamento apresenta distúrbios narcísicos que se manifestam nos sentimentos de vazio existencial.

Verificou-se que a convivência social produz sentimentos, que se traduzem em um vazio existencial, evidenciado nos atendimentos clínicos de orientação analítica. O pedido de socorro consiste na inquietação de buscar no outro, por meio das identificações, uma resposta que remete ao narcisismo primário e secundário e possibilita a simbolização que dá sentido ao sujeito psíquico. As pessoas sofrem um processo de personalização a partir de uma nova forma de organização social, que destaca os desejos e as escolhas privadas.

As características narcísicas vão ao encontro do individualismo, resultando em indivíduos que buscam sentido no que fazem e não que são. Nesse afã passam a maior parte de sua vida buscando algo que deveria estar dentro do próprio sujeito, conforme percebemos na análise do filme *O Diabo Veste Prada*.

O comportamento dos personagens demonstra o *mal estar contemporâneo*, como um sentimento que se origina de indivíduos que expressam um vazio interior e existencial, que se dimensiona em uma sensação de desamparo. Tal realidade direciona o sujeito ao molde, ao padrão e ao enquadramento de acordo com o que a sociedade impõe. O consumo e a produção de uma falsa imagem são as principais imposições que impossibilita a busca da real felicidade caracterizando o mal-estar da civilização.

O narcisismo na atualidade apresenta-se como defesa contra as tensões e a ansiedade. E pode ser percebida na relativização dos costumes culturais, estando em consonância com o momento em que o sujeito vive e se interpõe diante das transformações pelas quais precisa suportar. Assim avulta o movimento narcísico que se volta a si mesma, manifestado no eu desta pessoa como objeto de seu próprio investimento, firmado em um sentimento pleno de si mesmo, que se desvela em uma perfeição narcísica, tendo-se o objeto essencial centrado dentro de si e manifestado no comportamento dos personagens do filme analisado.

A relevância do estudo consiste na percepção de que a transformação da demanda clínica apresenta sujeitos com novos contornos nos seus processos subjetivos, revelando um vazio interior, um sentimento de futilidade em suas vidas, frente a um mundo que se projeta para perfeição narcísica, evidenciada na intolerante e permissividade.

Dentro dos limites que se propôs o estudo surgiram algumas conclusões que não esgotam o tema, uma vez que a psicologia está em transformação diante das mudanças sociais e dos processos subjetivos dos indivíduos. Portanto, a clínica psicanalítica sugere que na prática trabalhe-se a partir da constatação das tensões e ansiedades, que fazem parte do cotidiano das pessoas. Investigar os traços narcísicos com a proposta de superação do mal estar contemporâneo é um desafio que acompanho o desenvolvimento da própria humanidade.

Referências Bibliográficas

- Badalotti, Mariangela. (2001). Bioética e Reprodução Assistida. Programa de Pós Graduação em Medicina e Odontologia. Revista de Bioética. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/bioetica/cont/mariangela/bioeticaereproducao.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2011.
- Amaral, A. M. (2000). Da patologia das sociedades civilizadas. In: Fuks; Ferraz (Orgs.). A clínica conta histórias. São Paulo: Escuta.
- Berlinck, L. (2011). Melancolia/depressão: sintoma de uma sociedade narcisista. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Luciana_Chauí_Berlinck.pdf>. Acesso em: 6 maio de 2011.
- Bauman, Z. (2004). Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (1999). Mal-estar na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Buber, M. (2008). Eu e Tu. 5ª ed. São Paulo: Centauro.
- Dantas, M. A. (2005). Relação professor-aluno. Palestra proferida no CENSA. Campos dos Goytacazes/RJ.
- Franchini, A. S.; Segnanfredo, S. (2007). As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, monstros e guerras da tradição greco-romana. 9ª ed. Porto Alegre: L& PM.
- Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. Obras completas. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1929). O mal estar na civilização In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Garcia-Roza, L. A. (2008). Introdução à metapsicologia freudiana: Três artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque e inconsciente. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Green, A. (2001). De loucuras privadas. Buenos Aires: Amorrortu.
- Green, A. (1988). Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo: Editora Escuta Ltda.
- Kundera, M. (1985). A insustentável leveza do ser. 31ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lasch, C. A. (1983). A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago.
- Lazzarini, E. R.; Viana, T. C. (2010). Ressonâncias do narcisismo na clínica psicanalítica contemporânea. Análise Psicológica. 2ª Ed. 269-280.
- Lipovetsky, J. (2005). A era do vazio. São Paulo: Editora Manole.
- Laplanche, J.; Pontalis. (2001). Vocabulário da psicanálise. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Martelo, A. (2009). Sobre o narcisismo: uma introdução (1914): o conceito de narcisismo. Disponível em: <http://www.nucleosephora.com/impressao/.../disc1-principalNarcisismo.pdf>. Acesso em: 3 abril 2011.
- Monti, M. R. (2008). Contrato narcisista e clínica do vazio. Revista Latino americana Psicopatologia Fundamental. São Paulo, v. 11ª, n. 2, p. 239-253.
- Moura, J. (2009). O conceito de narcisismo na construção teórica da psicanálise. Disponível em: <<http://www.artigos.psicologado.com/.../o-conceito-de-narcisismo-na-construcao-teorica-da-psicanalise>>. Acesso em: 4 maio 2011.
- Frankel, D. (diretor); Finerman, W. (Produtor). (2006). O diabo veste prada. EUA: 20th Century Fox Film Corporation.
- Pereira, W. C. C. (2006). Autoridade, poder e autonomia: vícios e virtude. In: Revista Convergência. Rio de Janeiro, ano XLI, n. 392: CRB.
- Richardson, R.J. (1999). Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas.
- Safra, G. (1999). A face estética do self. Teoria e clínica. São Paulo: Unimarco Editora.

- Sennett, R. (2005). A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 9°. ed. Rio de Janeiro: Record.
- Simonini, F. (2004). Entre deuses e heróis. Revista Viver Psicologia. XII(134): 20-25.
- Winnicott, D. W. (1983). Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago.
- Zimerman, D. (1999). Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed.

<i>Recebido em:</i>	18/03/2013
<i>Enviado para análise em:</i>	18/04/2013
<i>Texto revisado pelos autores em:</i>	04/06/2013
<i>Aprovado em:</i>	07/06/2013
<i>Editor responsável:</i>	Vinícius Renato Thomé Ferreira